

ARGUMENTAÇÃO EM GÊNEROS TEXTUAIS/DISCURSIVOS: UMA ABORDAGEM TEÓRICO-EPISTEMOLÓGICA

Rosalice Pinto¹

rpinto@fcs.unl.pt

RESUMO: Face à complexidade do estudo da argumentação em textos empíricos, este artigo objetiva propor categorias analíticas relevantes tanto para a análise quanto para a produção de textos (inseridos em gêneros textuais) que tencionam defender uma tese. De forma a atender o objetivo proposto, procurar-se-á, nesta contribuição, primeiramente, definir o que se entende por *texto* e *gênero textual*. Em seguida, observar-se-á de que forma o estudo de conceitos teóricos aportados tanto pela linguística textual quanto pela linguística dos gêneros contribuíram para a atualização do conceito de *argumentação na língua*, tradicionalmente defendido por Anscombe e Ducrot (1988). Assim, procurar-se-á mostrar, sobretudo, que a linguística dos gêneros pode trazer elementos analíticos relevantes para a análise da argumentação em textos empíricos. Por fim, propor-se-á, um *modelo de análise* para o estudo da argumentação em textos empíricos e procurar-se-á, finalmente, aplicar tal modelo a um exemplar de um gênero textual persuasivo: um editorial, em circulação em Portugal, em setembro de 2015.

Palavras-chave: argumentação; gênero textual; categorias analíticas; editorial.

INTRODUÇÃO

É consensual que a sistematização dos estudos retóricos, por Aristóteles, trouxe à tona a relevância da argumentação, como uma estratégia discursiva importante na *ágora* pública. Contudo, o objetivo aqui não é traçar um percurso histórico sobre esta noção, nas diversas áreas de conhecimento em que foi estudada e retomada durante centenas de anos².

¹ Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa (CLUNL).

² Para detalhes sobre aspectos históricos da noção - Pinto (2010).

Este trabalho visa a mostrar que, para estudar a argumentação em textos que circulam nas diversas práticas sociais, deve-se lidar com toda a complexidade a ela associada. Dessa forma, aspectos negligenciados por várias teorias linguístico-textuais que procuraram estudar a argumentação (a Pragmática Semântica; a Linguística Textual; a Análise do Discurso), serão revistos e atualizados em função de uma Linguística dos Gêneros (Rastier, 2001, p. 265; 2001b, p. 231, 257), descrita detalhadamente por Bouquet (2004).

De forma a atender os objetivos propostos, procurar-se-á nesta contribuição, primeiramente, definir o que se entende por *texto* e *gênero textual*. Em seguida, observar-se-á de que forma o conceito de *argumentação* foi retomado pelos estudos linguístico-textuais nas últimas décadas, pontuando as limitações dos modelos propostos para a análise dos textos empíricos a partir da perspectiva aqui adotada: a da *linguística dos gêneros*. Por fim, propor-se-á, um *modelo de análise* para o estudo da argumentação em textos empíricos, exemplificando-o em um exemplar de gênero textual de caráter persuasivo: um editorial.

1. ALGUNS CONCEITOS TEÓRICOS: *TEXTO E GÊNERO TEXTUAL*

Partindo do princípio de que a argumentação não pode ser estudada em textos abstratos, em que questões discursivas (extralinguísticas) não devem ser levadas em conta quando das análises textuais, perspectiva adotada pelas gramáticas de texto tradicionais ou por alguns trabalhos de teóricos da Linguística Textual³, trabalha-se com a noção de *textos empíricos*. Estes correspondem a unidades comunicativas globais, para Bronckart (2004:103), e a análise da sua materialização linguístico-textual deve ser feita em função das práticas sociais em que se inserem. Na verdade, os textos – inclusive podendo mobilizar recursos verbais e não verbais – circulam socialmente e devem ser analisáveis no interior das práticas sociais em que estão inseridos. Bronckart, inclusive, retomando o projeto de trabalho defendido pelo

³ Menciona-se, aqui, os trabalhos, por exemplo, de Adam (1990: 23; 1999:3). Para tal autor, nesta época, a relação entre texto e discurso podia ser reduzida à fórmula: discurso= texto (empírico) + contexto, em que o texto estaria independente do contexto. Em trabalhos posteriores, nomeadamente, o de 2011, observa-se claramente a evolução teórica do autor. Neste é pontuada a influência de questões contextuais (discursivas) na materialização textual, nos seus diversos níveis – cf. Adam (2011: 61).

círculo bakhtiniano (Voloshinov, 1997), ratifica, por exemplo, a influência dos fatores contextuais na estrutura composicional dos textos.

De acordo com Bronckart (2004: 103):

Os textos constituem os correspondentes empíricos das atividades linguageiras, realizados com os recursos de uma língua natural. São unidades comunicativas globais, cujas características composicionais dependem tanto das propriedades das situações de interação e daquelas das atividades gerais que elas comentam quanto das condições histórico-sociais de sua própria elaboração.

Assim, reforçam-se três condições definitórias da noção de texto, defendidas por Rastier (1989: 21 e 22) que é aqui assumida: (1) o texto é atestado empiricamente, não forjado a partir de exemplos abstratos; (2) é produzido em uma prática social determinada; (3) circula em determinado suporte. E, ainda, os textos são o objeto de estudo da Linguística - Rastier (1989: 302).

Ao adotar esta noção de texto, em que aspectos contextuais devem ser considerados quando de sua análise, parece adequado também trabalhar com a de gêneros textuais⁴. Estes serão considerados, como afirma Maingueneau (1998 e 2004), práticas de comunicação sócio-historicamente definidas, dependendo de critérios situacionais diversos e evoluindo incessantemente com a sociedade. Quando da produção ou da interpretação dos textos, recorre-se a modelos “mais ou menos estáveis” de construção textual, o que permitirá certa *economia cognitiva*, tanto por parte do produtor textual, quanto do interpretante. Na produção, em especial, existe frequentemente uma adoção de modelos de textos “previamente internalizados na memória a longo termo” e uma adaptação deles em função de critérios diversos. Evidentemente, haverá “gêneros textuais” mais permeáveis a mudanças do que outros. Dentro desta acepção, considera-se aqui que todo texto está forçosamente inserido em determinado gênero e este pertencerá obrigatoriamente a um discurso/uma prática social.

2. DA LINGUÍSTICA TEXTUAL A UMA LINGUÍSTICA DOS GÊNEROS

Desde o início dos anos 80, a linguística textual, com o trabalho de Beaugrande & Dressler (1981) salientam a relevância de fatores contextuais nos

⁴ Alguns teóricos como Bronckart (1999) e Rastier (1989) falam de gêneros textuais. Bakhtin (1984) faz uso da expressão gêneros do discurso; Maingueneau, gênero de discurso; Adam, gêneros de discurso. Numa visão conciliatória, opta-se aqui por adotar a denominação de *gênero textual*, uma vez que dá-se prioridade à análise da materialidade linguístico-textual dos textos, embora sempre considerar-se-á a direta influência dos aspectos contextuais nesta semiotização.

estudos dos textos, distanciando-se, assim, de uma visão estritamente lógico-gramatical que caracterizava as gramáticas textuais.

Contudo, foram os trabalhos de Adam (1999, 2011, 2015), de Linguística Textual, que trouxeram categorias importantes para as análises textuais. Embora tenham evidenciado principalmente aspectos composicionais (1999: 36), não deixaram de apontar outros aspectos da materialidade textual, como vemos no esquema a seguir, na obra de 2011, 2ª edição, traduzida no Brasil.

De acordo com Adam (2011: 61):



Contudo, ainda não é clara, por parte do autor, a interferência de questões contextuais na materialidade dos textos. Já em publicação de 2001, ao pontuar de forma mais organizada e definitiva os constituintes dos gêneros, o teórico assume mais claramente a influência de questões contextuais na microestrutura textual. Segundo o autor, os gêneros podem ser descritos através de oito componentes: o semântico, o enunciativo, o pragmático, o estilístico e o fraseológico, o composicional, o material, o peritextual e o metatextual. Contudo, apesar dessa descrição, o autor mantém a oposição entre o discursivo (interacional) e o textual (o estritamente linguístico). Como pontua o autor: “Para mim, os discursos são práticas discursivas que devem ser estudadas em sua dimensão discursivo-interacional, por um lado, e por sua dimensão textual, mais essencialmente linguística, por outro lado” (Adam, 2002: 39). Pelo que poder-se-ia considerar que o gênero discursivo estabeleceria uma espécie de interseção entre a dimensão discursiva e a textual.

Em relação à linguística dos gêneros, foi provavelmente François Rastier, em obra de 1989, que fez uso dessa noção. Dessa forma, releva a importância do estudo do gênero tanto na interpretação, quanto na produção de textos, sendo que estes não poderiam ser redutíveis a uma organização meramente linguística. Para o autor, um gênero liga um tipo de discurso a um texto (Rastier, 1989: 40) e, sendo este último o objeto primeiro da análise linguística para Rastier (2001: 302), deve-se considerar o estudo de gêneros de texto.

Simon Bouquet, em texto introdutório da revista *Langages*, número 153, procura apaziguar esta “disputa teórica” entre gênero discursivo e textual, procurando estabelecer a grande contribuição do estudo sobre os gêneros e de sua operacionalidade no estudo linguístico. Como pontua Bouquet (2004: 8): “Em outras palavras ainda, o conceito de gênero nos permite definir o objeto de uma linguística do sentido integrando nesta uma dimensão normalmente relegada ao extralinguístico (a que poderia se chamar a ilusão lógico-gramatical em semântica)”.

Reitera, com isso, a relevância de questões contextuais na construção microtextual, libertando a linguística de uma tradição lógico-gramatical a que se viu atrelada durante séculos.

Assim, Bouquet (2008: 8) aponta a importância da linguística dos gêneros, que poderá vir a estabelecer uma articulação entre a linguística da fala e a da língua:

Da minha parte, penso que uma linguística dos gêneros deveria permitir além disso, enquanto linguística da fala, esclarecer, ou redefinir conceitos cardiais da linguística da língua da qual ela é indissociável – conceitos como “língua”, “signo” e “gramática” – e que ela possa ter, com esta denominação, um papel heurístico não negligenciável junto à denominada linguística da língua.

Em síntese, pelo apresentado, assume-se aqui uma linguística dos gêneros, em que os elementos extralinguísticos deverão ser incorporados às análises microtextuais. Assim, ao se analisar o texto em toda a sua complexidade, devem ser consideradas a(s) prática(s) social(is) em que esses textos são produzidos/interpretados. Essas práticas influenciarão a seleção/a semiotização das estratégias argumentativas utilizadas quando da produção dos textos.

3. DA ARGUMENTAÇÃO NA LÍNGUA À ARGUMENTAÇÃO NOS GÊNEROS

De acordo com as diversas abordagens teóricas linguísticas que descreveram a argumentação, houve algumas que se centraram estritamente em descrevê-la ao nível do enunciado e houve outras que procuraram se centrar em um nível mais textual.

No primeiro grupo, inserem-se os trabalhos de Anscombe e Ducrot⁵, que, descrevendo sobretudo alguns conectores argumentativos e algumas expressões linguísticas, mostraram a importância da orientação argumentativa nos enunciados – sendo esta desencadeada a partir desses elementos linguísticos. Mais recentemente, constatam-se, na mesma direção, os trabalhos de Carel⁶ que mostraram a existência de argumentações internas e externas em *portanto* e *contudo* que poderiam vir a ser desencadeadas a partir de alguns lexemas ou ainda de alguns enunciados.

No segundo grupo, observam-se os estudos de Adam e de Bronckart. Para o primeiro, existem alguns modelos de caráter cognitivo, organizados em sequências prototípicas⁷ e, dentre elas, há a possibilidade da existência de uma sequência argumentativa. Por outro lado, para o segundo autor, a sequência argumentativa tem um caráter dialógico e pode se adaptar a aspectos contextuais, sendo uma das possibilidades da organização do conteúdo temático, no plano textual.

Por outro lado, ao se considerar a complexidade da construção dos textos, envolvendo aspectos contextuais/extralinguísticos diversos, a argumentação construída assume um caráter dinâmico e complexo. Na verdade, esta é coibida pela prática sociopolítica em que é instaurada e produzida. Dessa forma, os estudos anteriormente apontados não nos parecem suficientes para a descrição do caráter argumentativo dos gêneros textuais, especialmente dos persuasivos. Estes visam a obter a adesão do interlocutor à determinada ideia (editorial, artigo de opinião); a acatar um determinado pedido (petição inicial, requerimento); a convencer um indivíduo a comprar determinado produto (anúncio publicitário); a fazer um eleitor votar em determinado partido (*outdoor* político), dentre outros.

Assim, na ótica da análise textual que aqui será desenvolvida, a escolha da categoria *argumentação no gênero* parece se impor. Assume-se aqui que esta argumentação corresponde a todos os elementos verbais e não verbais

⁵ Para detalhes, ver Anscombe & Ducrot (1988).

⁶ Mencionam-se, aqui, os trabalhos de Carel (1992).

⁷ De acordo com Adam (2001), são cinco as sequências prototípicas: as narrativas, as descritivas, as argumentativas, as explicativas e as dialogais, cada qual com estruturas características próprias.

(multimodais⁸) utilizados em gêneros textuais que visam à persuasão. Para que a argumentação seja analisada, considera-se a existência de dois níveis de análise (em constante interação de forma dinâmica): o contextual e o linguístico-textual, embora seja importante ressaltar que tal sistematização tem um caráter didático-metodológico. Reproduz-se, a seguir, a tabela de análise dos textos proposta, com os diversos elementos e sua respectiva definição. Importa salientar que estas dimensões interagem de forma dinâmica e a esquematização apresentada tem fundamentalmente um cunho didático.

Veja-se a tabela (1) a seguir:

Dimensão contextual		Gênero Persuasivo
Componentes ⁹	Definição	
Arquitextual	Textos já existentes diretamente relacionados, consistindo em uma espécie de memória textual	
Situacional	Aspectos contextuais relevantes para a produção dos textos	
– Lugar/Época de produção e de circulação	Lugar e época em que os textos foram produzidos / ou que circularam	
– Instâncias interlocutivas/estatuto dos interlocutores	Pessoas responsáveis pela produção/interpretação / papel social e institucional dos interlocutores.	
– Finalidade	Objetivo do ato comunicacional	
– Suporte Material	Suporte utilizado, colocação na página, escolha tipográfica	
Peritextual	Fronteiras do texto	
Metatextual	Discurso sobre o gênero característico da formação sociodiscursiva e também das teorias desenvolvidas sobre o gênero.	
Discursiva	Prática sociodiscursiva onde o texto está integrado.	
Intertextual	Ecos dos textos nele presentes	
Dimensão linguístico-textual		
Componentes	Definição	
Organizacional	Planos de texto (tipos de discurso ¹⁰ e sequências), Escolha semântica e temática. Argumentações internas e externas ¹¹ .	

⁸ A multimodalidade leva em conta que os modos semióticos são construídos tanto por uma linguagem verbal, quanto por uma linguagem visual, em que estão incluídos a imagem, os gestos, a prosódia, elementos cromáticos e tipográficos. Para detalhes, ver: Van Leeuwen (2005); Kress & Van Leeuwen (2006). Para estudos de aplicação sobre a multimodalidade em contexto brasileiro, ver: Vieira *et al.* (2007); Pinto (2013).

⁹ Embora apresentem-se aqui todos os componentes, para as análises serão trabalhados os elementos contextuais mais relevantes para a determinação dos elementos linguístico-textuais. Um trabalho mais completo de análise poderá ser observado em Pinto (2010).

Estilística	Textura micro-linguística (organizadores textuais, modalizações, aspectos multimodais, dentre outros elementos)	
Enunciativa Ampliada	Grau de responsabilidade dos enunciados, identidade e implicações	

Tabela 1: Grade de análise de um texto pertencente a um gênero persuasivo

4. ANÁLISE DE EXEMPLARES DE ALGUNS PERSUASIVOS.

A partir do exposto, opta-se, aqui, por limitações espaciais, por analisar o exemplar de um gênero textual persuasivo: um editorial do jornal português *Público*.¹²

Na verdade, pensa-se que um texto, enquanto objeto empírico, apresenta, por um lado, características genéricas do agrupamento *gênero* ao qual pertence, e, por outro, elementos específicos, decorrentes de sua própria singularidade. Com isso, o texto analisado pode ser considerado um exemplar prototípico do gênero textual a que está integrado. O objetivo maior da análise, em que alguns elementos serão relevados em detrimento de outros, é demonstrar que as coerções contextuais que influenciam diretamente a materialização argumentativa dos textos permitem reconsiderar a imagem estática da língua, tal qual transmitida, ou melhor, imposta pela tradição lógico-gramatical (Rastier, 2001).

Para efeitos analíticos, far-se-á uma breve contextualização sobre a situação político-social da Europa para que se possa melhor entender os aspectos argumentativos presentes no texto. Depois, em separado, realizar-se-á o levantamento dos elementos genéricos e específicos do exemplar de texto selecionado.

¹⁰ Segundo Bronckart, os tipos de discurso correspondem a unidades linguísticas infraordenadas, relacionadas aos modos de enunciação. Existem quatro tipos: o discurso interativo, o teórico, a narração e o relato interativo. Em uma língua natural, estes tipos são semiotizados por unidades linguísticas relativamente estáveis. Para detalhes, ver: Bronckart (1999: cap. V).

¹¹ Segundo Carel e Ducrot, na nova versão da *argumentação na língua*, a teoria dos blocos semânticos, (TBS), o léxico, os enunciados e os parágrafos, podem ser traduzidos por discursos normativos ou transgressivos. Os primeiros são traduzidos por aspectos em “então” *donc* (DC) e os outros pelos aspectos em “contudo” /*pourtant* (PT). E ainda a *argumentação interna* constitui uma espécie de paráfrase de uma entidade; por outro lado, a *argumentação externa* desta mesma entidade corresponde a um dos aspectos em que esta mesma unidade aparece como antecedente ou consequente.

¹² Na Europa, de costas voltadas para a “selva”. *Público*. Lisboa: 1 de setembro de 2015. Caderno *Espaço Público*, p. 44.

4.1 BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO

Com o conflito na Síria, a incerteza na Líbia, a instabilidade no Afeganistão e no Iraque, o número de refugiados que busca o território europeu atingiu níveis jamais vistos desde o final da 2ª Guerra Mundial. Desde janeiro de 2015, seguindo as estatísticas da agência europeia FRONTEX, cerca de 300.000 pessoas tentaram passar¹³, por via marítima ou terrestre, para a Europa. Inclusive, de acordo com a Organização Internacional para as Migrações, mais de 2.300 pessoas perderam a vida no mar, ao tentar entrar para a Europa.

No dia 22 de setembro de 2015, inclusive, depois de várias discussões sobre o acordo para a distribuição dos refugiados, dentre os 28 países da União Europeia, apenas a República Checa, a Hungria, a Romênia, a Eslováquia votaram contra a ideia de um sistema de cotas de distribuição entre os diversos países. A Finlândia se absteve. Não houve, assim, consenso completo para um entendimento que permitisse a distribuição proporcional de cerca de 120 mil refugiados. Dentre os países que aceitaram o sistema, ficou decidido que a Alemanha receberia 40.000 refugiados, a França 30.000 e Portugal 4.500 nos próximos dois anos. E é neste quadro político e social de incertezas e de falta de consenso dos 28 estados-membro em relação à crise de migrantes, que se instaura um verdadeiro embate de vozes que repercute no espaço público e mediático.

Face ao exposto, passa-se à análise de um exemplar do gênero textual *editorial*, relacionado ao tema exposto. Contudo, antes de iniciar o percurso analítico, é necessária a apresentação de algumas características genéricas acerca deste gênero, expostas a seguir.

4.2 EDITORIAL

- **Breve introdução**

O editorial refere-se a um discurso de opinião assinado por membros da equipe diretiva do jornal e apresenta, do ponto de vista institucional, a opinião do veículo sobre fatos sociais e políticos da atualidade. Tendo um caráter fortemente argumentativo/persuasivo, pode ter uma forte intervenção na opinião pública dos

¹³ Dados obtidos a partir do semanário *Sábado*, n. 593, 10 de setembro de 2015, p.63.

cidadãos, como menciona Fonseca (2001: 93). Quanto à disposição topográfica e tipográfica, apresenta características bem definidas e distintivas.

No caso do editorial analisado, do jornal *Público*, ele se encontra na rubrica ESPAÇO PÚBLICO, na página 44, acompanhado por outra rubrica - “Cartas à Directora”-, em que leitores redigem cartas à direção do jornal, opinando sobre questões ali publicadas. De certa forma, o fato de o editorial estar nesta rubrica direciona a leitura e a interpretação do texto a ser lido: o texto trará uma opinião do jornal sobre determinada questão relevante na atualidade. Quanto à tipografia, verifica-se que o título, “Na Europa, de costas voltadas para a ‘selva’”, com os caracteres maiores do que os do corpo do texto, apresenta-se do lado direito, abaixo da data de publicação do jornal (1 de setembro de 2015), conferindo ao texto atualidade quanto aos assuntos tratados.

- **Componentes externos**

Realizada esta breve introdução acerca de aspectos genéricos referentes ao editorial, passaremos a analisar alguns componentes externos¹⁴ que nos parecerem relevantes para o constrangimento das estratégias argumentativas utilizadas no corpo do texto.

- **Componente intertextual**

Como mencionamos, este diz respeito tanto à inter-relação do editorial analisado com os fatos que circulam sobre a questão dos refugiados, quanto ao diálogo explícito e implícito entre o editorial e as demais colunas (constituídas por gêneros textuais diversos) que o circundam na mesma página.

O texto em análise traz, de forma sucinta, a posição de duas vertentes opostas sobre a questão dos refugiados políticos na Europa. De um lado, os partidários de uma política humanitária, liderados por Angela Merkel: do outro, os xenófobos para os quais a integração dos refugiados políticos de diversas etnias pode vir a ser uma ameaça para o bem-estar socioeconômico europeu. Dessa forma, este texto dialoga com os eventos atuais em circulação na Europa, conforme colocado anteriormente.

Por outro lado, o texto também “dialoga” com outras matérias no mesmo jornal que tratam a questão dos sérios problemas enfrentados pelos refugiados

¹⁴ Por limitações espaciais, optou-se por relevar alguns elementos mais importantes para a caracterização argumentativa dos textos.

quando da sua tentativa de emigrar para a Europa, no intuito de fugir dos conflitos a que estão sujeitos nos países de origem.

- **Componente metatextual**

O editorial do jornal *Público* é regulamentado, assim como outros textos publicados neste jornal, pelo Livro de Estilo do Público (doravante LEP). Este pontua aspectos importantes que constroem os elementos tipográficos e estilísticos utilizados.

De acordo com o LEP: “não é admissível a utilização de uma linguagem panfletária ou insinuada” – (LEP: 57). Dessa forma, embora o editorial no veículo seja de responsabilidade da direção editorial, há uma exigência pela isenção ética e pelo rigor na linha editorial do jornal.

Com isso, o que se observa, no corpo do editorial, é exatamente mostrar os dois lados divergentes da Europa frente à questão dos refugiados. De um lado, apresentar a existência de um “local de algum modo exemplar” que acolhe centena e meia de mulheres e crianças e distribui diariamente umas 2000 refeições”. Do outro, “um acampamento, também em Calais, semiclandestino, onde se amontoam em péssimas condições milhares de pessoas. Chamam-lhe de “*Jungle*”.

Evidentemente, esses dois lados são apresentados e, ao final, em síntese, é colocada a afirmação: “Entre os apelos humanitários de Merkel e os preocupantes sinais de rejeição e xenofobia, a Europa terá de decidir-se. E agir”.

Apesar de o texto mostrar os dois lados da questão e “aparentemente” não querer mostrar um ponto de vista, este é claramente marcado pela escolha lexical perpetrada pelo grupo editorial do jornal.

- **Finalidade**

O editorial objetiva transmitir o posicionamento do veículo em relação a algum tema da atualidade, devendo apresentar mais um caráter demonstrativo do que realmente persuasivo (cf. Pinto, 2010: 398). O exemplar, em análise “Na Europa, de costas voltadas para a ‘selva’”, apresenta como objetivo mostrar que a Europa não deve ficar inerte face ao problema dos refugiados políticos. Deve haver uma ação comunitária face à questão. Ao final do editorial, a asserção “a Europa terá de decidir-se. E agir” demonstra claramente a intenção comunicativa do veículo.

- **Componentes internos**

Estes, como se mencionou, dizem respeito aos aspectos organizacionais, estilísticos e enunciativos ampliados observados. Passar-se-á à análise de elementos microlinguísticos que possam vir a caracterizá-los.

- **Componente organizacional**

No texto em questão, salienta-se a relevância do título que é marcado por caracteres tipográficos diferenciados (maiores do que os que são utilizados no corpo do texto). O destaque atribuído ao título leva o leitor a se sentir ‘atraído’ a ler o que o sucede. No caso, como é característico deste veículo instaura-se um embate de vozes a partir do título que ecoará no corpo do texto (cf. Pinto, 2010: 401).

Na verdade, com o título “Na Europa, de costas voltadas para a ‘selva’”, instaura-se de um lado um ponto de vista “positivo” sobre a Europa e sobre a própria comunidade europeia. Neste continente, em que o estado socialista predomina na maioria dos países, é propagada a igualdade de oportunidades, de direitos, seguindo os preceitos da própria Revolução Francesa. De outro lado, esta mesma Europa é representada como uma “selva”, imagem não condizente com aquilo que se esperaria de um continente em que o bem-estar social sempre foi um dos mais relevantes pilares.

É assim, a partir desse “dialogismo” deflagrado a partir do título – que corresponde a uma espécie de *resumo-síntese*¹⁵ - que o texto é construído. Pode-se, inclusive, pensar na existência de uma espécie de unidade macrot textual que funcionaria como uma *plataforma geradora* de relações argumentativas no texto – Pinto (2010).

Inclusive, a partir do título, poder-se-ia pensar em dois movimentos: um condizente com as representações sociais que os indivíduos têm sobre a Europa, enquanto Estado social: o outro, oposto, que salienta uma Europa não mais assente nesses valores.

A partir da primeira, poder-se-ia considerar a existência, por um lado, de uma série de argumentações internas relacionadas à “Europa” (enquanto Estado Social) e, do outro, relacionadas à “Europa” (enquanto Estado xenófobo).

No primeiro caso, seriam vários os encadeamentos argumentativos possíveis:

¹⁵ Expressão utilizada por Grize (1992: 9).

(1)[Existe um Estado Social PT todos os cidadãos nele inseridos têm os mesmos direitos]

(2)[Existe um Estado Social PT todos os cidadãos devem ser bem-tratados]

Esses encadeamentos aparecem ao longo do texto logo na parte inicial, como se observa no trecho a seguir: “Frans Timmermans, vice-presidente da Comissão Europeia, esteve em Calais a convite francês. Visitou um centro de refugiados simpático, financiado pela UE, *que acolhe centena e meia de mulheres e crianças e distribui diariamente umas 2000 refeições*”.

No segundo caso, há outros encadeamentos argumentativos relativos ao segundo movimento do texto.

(1’)[Existe um Estado xenófobo PT os imigrantes não têm o mesmo direito]

(2’) [Existe um Estado xenófobo PT os imigrantes são mal tratados]

Este último movimento ‘eco’ na segunda parte do texto, quando é afirmado que: “E o resto é um *acampamento*, também em Calais, semiclandestino, onde se *amontoam em péssimas condições milhares de pessoas*. Chamam-lhe “*Jungle*”, *selva*, e Timmermans não visitou a “selva”, nem soube dar resposta condigna ao jornalista que quis saber por quê”.

Na verdade, são algumas escolhas estilísticas perpetradas pelo agente produtor que também permitem ao analista inferir essas argumentações internas. Por exemplo, o uso de expressões nominais e verbais que remetem a um verdadeiro “campo de batalha”: “acampamento”; “amontoar”; “*Jungle*”; “selva”.

- **Componentes estilísticas**

Dentre estas, ressaltam-se, por um lado, os inúmeros recursos polifônicos utilizados, demarcando certo engajamento do agente produtor do editorial naquilo que é dito. Estes podem ser semiotizados através de organizadores textuais dialéticos; expressões entre aspas, por exemplo. Por outro, grupos/ expressões nominais/ verbais (destacadas por mim em itálico) que denotam claramente o posicionamento do veículo em relação à questão dos refugiados.

Observam-se os seguintes exemplos:

“Na Europa, *de costas voltadas* para a ‘selva’”.

“*Mas* a Europa, hoje, divide-se precisamente entre os que sabem das “selvas”, e dos seus múltiplos dramas, e os que preferem imaginar tudo arrumado e limpo”.

“Chamam-lhe ‘*Jungle*’, selva, e Timmermans não visitou a “*selva*”, nem soube dar resposta condigna [...]

“Um local de algum modo *exemplar*, se não existisse o *resto*. E o *resto* é um *acampamento, semiclandestino*, onde se *amontoam* em *péssimas* condições milhares de pessoas [...] Entre os apelos *humanitários* de Merkel e os *preocupantes* sinais de *rejeição* e *xenofobia*, a Europa terá de decidir-se. E agir”

- **Componente estilística ampliada**

O editorial é um gênero textual que apresenta uma heterogeneidade enunciativa bem demarcada (Pinto, 2010: 444).

No caso do texto em análise, observam-se vários *ethè* presentes: um analista, um comentarista crítico e um racional ponderado. Todos estes em constante interação.

O texto faz menção a dois centros de acolhimento em Calais. O primeiro, alvo da visita do Sr. Frans Timmermans, é *exemplar*, fornecendo refeições para cerca de centena e meia de mulheres e crianças. O segundo, na mesma idade, é retratado como uma selva, em que as pessoas estão em *péssimas* condições. Na verdade, aqui, o agente produtor do editorial faz uma análise da situação, não deixando de transmitir certo caráter avaliativo ao fazer uso de qualificadores depreciativos ao se referir ao segundo centro de refugiados. Tem-se aqui a construção de um *ethos* analítico e *comentarista crítico* em simultâneo.

Evidentemente, ao explicar as condições precárias em que vivem os refugiados no denominado “acampamento semiclandestino”, há uma ênfase clara na construção de um *ethos comentarista* que critica claramente as *péssimas* condições em que são recebidos esses refugiados.

Por fim, ao final do editorial, é o *ethos racional ponderado*, que surge, invocando a Europa e os europeus a decidirem sobre qual o posicionamento a ser tomado: o de acolhimento (segundo o exemplo da Alemanha de Merkel) ou o de repúdio (como o fazem países como a Hungria, dentre outros).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo exposto, observa-se que o programa de trabalho de uma *linguística dos gêneros* mostra-se adequado para a análise da semiotização argumentativa de textos inseridos em práticas sociais. Pelo exemplar, demonstrou-se claramente de que forma aspectos contextuais, de ordem genérica, coíbem a materialização dos textos.

No caso analisado, por exemplo, evidenciou-se que os aspectos genéricos (em especial, os metatextuais, os intertextuais) foram de extrema relevância para a apreensão da organização interna dos textos (questões organizacionais, estilísticas e enunciativas ampliadas). Através das próprias diretrizes seguidas pelo jornal, como foi verificado, pode-se apreender o movimento organizacional do texto analisado e as diversas argumentações internas ecoadas a partir do título do editorial. Ainda, os fatos sociais, políticos que circulam na época mostraram-se de extrema relevância para a apreensão da “tessitura” do texto e de sua interpretação.

Do ponto de vista estilístico, as escolhas lexicais, os qualificadores avaliativos (positivos e depreciativos), mostram claramente o posicionamento do veículo e são identificáveis também pelo “embate de vozes”, que é construído na praça pública sobre este tema.

Quanto à heterogeneidade enunciativa, identificada pela flutuação imagística dos *ethè*, observou-se a clara presença de um *ethos comentarista crítico*, através das escolhas avaliativas efetuados pelo agente produtor, embora outros *ethè* - o *analista* e o *racional* – estejam também presentes.

Evidentemente, com a análise de um exemplar de um gênero textual, não se visou aqui a uma generalização de resultados. Este artigo objetivou, principalmente, exemplificar o estudo de um gênero textual a partir de uma *linguística dos gêneros*. De forma a atestar os resultados obtidos, seria necessária a análise de um *corpus* mais alargado, constituído de exemplares do mesmo gênero textual em diversos jornais e, inclusive, em espaços de circulação lusófonos distintos (Portugal e Brasil, por exemplo).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ADAM, Jean-Michel. *Eléments de Linguistique Textuelle*. Liège : Mardaga, 1990.
2. ADAM, Jean-Michel. *Linguistique Textuelle : des genres de discours aux textes*. Paris : Nathan, 1999.
3. ADAM, Jean-Michel. En finir avec les types de textes. In. BALLABRIGA Michel, (dir.), *Analyse des discours. Types et genres : Communication et Interprétation*. Toulouse : Editions Universitaires du Sud, 2001, p. 25-43.
4. ADAM, Jean-Michel. *A linguística textual*. Introdução à análise textual dos discursos. 2ª edição. São Paulo: Cortez, 2011.
5. ADAM, Jean-Michel. *Notas de aula*. Summer School. Lisboa : Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 2015.
6. ANSCOMBRE, Jean-Claude ; DUCROT, Oswald. *L'Argumentation dans la langue*. 2ª edição, Liege/Bruxelles: Mardaga, 1988.
7. BOUQUET, Simon. Linguistique générale et linguistique des genres. *Langages*, 153, p. 3-14, 2004.
8. BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos*. Por um interacionismo sociodiscursivo. São Paulo : EDUC, 1999.
9. BRONCKART, Jean-Paul. Commentaires conclusifs. Pour un développement collectif de l'interactionnisme socio-discursif. *Calidoscópico*. São Leopoldo : Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2 (2), 2004, p. 113-123.
10. CAREL, Marion. Vers une formalisation de la théorie de l'argumentation de la langue. Paris : Tese (Doutorado em Matemática e Aplicações em Ciências do Homem - Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales (EHSS), Paris, 1992.
11. FONSECA, Joaquim. « 'O grau zero' : discurso, representações ideológicas e construção de sentido ». In : GONDRVS, J. (org.). *Língua e Discurso*. Porto : Porto Editora, n. 14, 2001, p. 51-95.
12. GRIZE, Jean-Blaise. Résumer, mais pour qui? In. CHAROLLES, M. & PETIJEAN, A. (eds.). *Le résumé de texte: aspects linguistiques, sémiotiques, psycholinguistiques et automatiques*. Metz: Université de Mets, 1992, p. 3-10.
13. KRESS, Gunther. & VAN LEUWEN, Theo *Reading Images : The Grammar of Visual Design*. 2ª. edição. Londres : Routledge, 2006.
14. LIVRO DE ESTILO *Público*. Disponível em static.publico.pt. Consultado em 15 de outubro de 2014.
15. MAINGUENEAU, Dominique. *Analyser les textes de communication*. Paris : Dunod, 1998.
16. MAINGUENEAU, Dominique. Retour sur une catégorie : le genre. In : ADAM, Jean-Michel; GRIZE, Jean-Blaise ; ALI BOUACHA, Magid (eds.). « Catégories descriptives et catégories interprétatives en analyse du discours ». In : *Texte et discours : catégories pour l'analyse*. Dijon : Editions Universitaires de Dijon, 2004. p. 107-118
17. MAINGUENEAU, Dominique. As Categorias da Análise do Discurso. In : *Actas do Seminário Internacional de Análise do Discurso* Lisboa : Hugin Editores, 2005, p. 81-105.

18. PINTO, Rosalice. *Como argumentar e persuadir*: prática política, jurídica, jornalística. Lisboa: Quid Juris, 2010.
19. PINTO, Rosalice. Multimodalidade em outdoors políticos: propostas de análise. In: ANDRADE, Carlos; CABRAL, Ana Lúcia Tinoco (org.). *Práticas Linguístico-Discursivas*: alguns caminhos para aplicação teórica. São Paulo: Terracota, 2013, p. 71-92.
20. RASTIER, François. *Sens et textualité*. Paris : Hachette, 1989.
21. RASTIER, François. *Poétique généralisée*. In : BALLABRIGA, Michel (dir.). *Analyse des discours – types et genres : communications et interprétations*. Toulouse : Editions Universitaires du Sud, 2001, p. 261-287.
22. RASTIER, François. *Arts et sciences du texte*. Paris : PUF, 2001b.
23. VAN LEEUWEN, Teun. *Introducing Social Semiotics*. London/New York : Routledge, 2005.
24. VIEIRA, Josenia Antunes *et al.*. *Reflexões sobre a língua portuguesa: uma abordagem multimodal*. Petrópolis: Vozes, 2007.
25. VOLOSHINOV, Valentin N. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 8ª edição, 1997.

ABSTRACT: Due to the complexity of the argumentative studies in different text genres, this paper aims at presenting some analytical categories which are important both for the analysis as well as for the production of texts (inserted in text genres) that intend to support a thesis. So as to attain the objective here proposed, it is sought, firstly, to define the concept adopted for *text* and *text genre*. Following this, it will be shown how theoretical concepts, provided both by text linguistics and genre linguistics, can contribute to the development of the concept of argumentation in language, described by Anscombe; Ducrot (1988). It will then be possible to prove that analytical elements depicted by genre linguistics are important for the analysis of argumentation in empirical texts. Finally, an analysis model that will be applied to the study of a persuasive text genre sample will be presented. The empirical text genre under analysis is an editorial, published in Público (a Portuguese newspaper) in September 2015.

Keywords: argumentation; text genre; analytical categories; editorial.